

Sumário

| | |
|---|-----|
| <i>Novo amigo</i> | 7 |
| <i>Mensagem de André Luiz</i> | 11 |
| 1 - Nas zonas inferiores | 15 |
| 2 - Clarêncio | 19 |
| 3 - A oração coletiva | 25 |
| 4 - O Médico Espiritual | 31 |
| 5 - Recebendo assistência | 37 |
| 6 - Precioso aviso | 43 |
| 7 - Explicações de Lísias | 49 |
| 8 - Organização de serviços | 55 |
| 9 - Problema de alimentação | 61 |
| 10 - No Bosque das Águas | 67 |
| 11 - Notícias do plano | 73 |
| 12 - O Umbral | 79 |
| 13 - No gabinete do ministro | 85 |
| 14 - Elucidações de Clarêncio | 91 |
| 15 - A visita materna | 97 |
| 16 - Confidências | 103 |
| 17 - Em casa de Lísias | 109 |
| 18 - Amor, alimento das almas | 115 |
| 19 - A jovem desencarnada | 121 |
| 20 - Noções de lar | 127 |
| 21 - Continuando a palestra | 133 |

| | |
|--|-----|
| 22 - O bônus-hora | 139 |
| 23 - Saber ouvir | 147 |
| 24 - O impressionante apelo | 153 |
| 25 - Generoso alvitre | 159 |
| 26 - Novas perspectivas | 165 |
| 27 - O trabalho, enfim | 171 |
| 28 - Em serviço | 179 |
| 29 - A visão de Francisco | 185 |
| 30 - Herança e eutanásia | 191 |
| 31 - Vampiro | 199 |
| 32 - Notícias de Veneranda | 207 |
| 33 - Curiosas observações | 213 |
| 34 - Com os recém-chegados do Umbral | 219 |
| 35 - Encontro singular | 225 |
| 36 - O sonho | 231 |
| 37 - A preleção da ministra | 237 |
| 38 - O caso Tobias | 245 |
| 39 - Ouvindo a senhora Laura | 253 |
| 40 - Quem semeia colherá | 259 |
| 41 - Convocados à luta | 267 |
| 42 - A palavra do Governador | 275 |
| 43 - Em conversação | 283 |
| 44 - As trevas | 289 |
| 45 - No campo da música | 295 |
| 46 - Sacrifício de mulher | 303 |
| 47 - A volta de Laura | 309 |
| 48 - Culto familiar | 315 |
| 49 - Regressando a casa | 323 |
| 50 - Cidadão de "Nosso Lar" | 329 |

NAS ZONAS INFERIORES

Eu guardava a impressão de haver perdido a idéia de tempo. A noção de espaço esvaíra-se-me de há muito.

Estava convicto de não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, meus pulmões respiravam a longos haustos.

Desde quando me tornara juguete de forças irresistíveis? Impossível esclarecer.

Sentia-me, na verdade, amargurado duende nas grades escuras do horror. Cabelos eriçados, coração aos saltos, medo terrível senhoreando-me, muita vez gritei como louco, implorei piedade e clamei contra o doloroso desânimo que me subjugava o espírito; mas, quando o silêncio implacável não me absorvia a voz estentórica, lamentos mais comovedores, que os meus, respondiam-me aos clamores. Outras vezes gargalhadas sinistras rasgavam a quietude ambiente. Algum companheiro desconhecido estaria, a meu ver, prisioneiro da loucura. Formas diabólicas, rostos alvares, expressões animalescas surgiam, de quando em quando, agravando-me o assombro. A paisagem, quando

não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacentas, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios de Sol aquecessem de muito longe.

E a estranha viagem prosseguia... Com que fim? Quem o poderia dizer? Apenas sabia que fugia sempre... O medo me impelia de roldão. Onde o lar, a esposa, os filhos? Perdera toda a noção de rumo. O receio do ignoto e o pavor da treva absorviam-me todas as faculdades de raciocínio, logo que me desprendera dos últimos laços físicos, em pleno sepulcro!

Atormentava-me a consciência: preferiria a ausência total da razão, o não-ser.

De início, as lágrimas lavavam-me incessantemente o rosto e apenas, em minutos raros, felicitava-me a bênção do sono. Interrompia-se, porém, bruscamente, a sensação de alívio. Seres monstruosos acordavam-me, irônicos; era imprescindível fugir deles.

Reconhecia, agora, a esfera diferente a erguer-se da poalha do mundo e, todavia, era tarde. Pensamentos angustiosos atritavam-me o cérebro. Mal delineava projetos de solução, incidentes numerosos impeliam-me a considerações estonteadoras. Em momento algum, o problema religioso surgiu tão profundo a meus olhos. Os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos, figuravam-se-me agora extremamente secundários para a vida humana. Significavam, a meu ver, valioso patrimônio nos planos da Terra, mas urgia reconhecer que

a humanidade não se constitui de gerações transitórias e sim de Espíritos eternos, a caminho de gloriosa destinação. Verificava que alguma coisa permanece acima de toda cogitação meramente intelectual. Esse algo é a fé, manifestação divina ao homem. Semelhante análise surgia, contudo, tardiamente. De fato, conhecia as letras do Velho Testamento e muita vez folheara o Evangelho; entretanto, era forçoso reconhecer que nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração. Identificava-as através da crítica de escritores menos afeitos ao sentimento e à consciência, ou em pleno desacordo com as verdades essenciais. Noutras ocasiões, interpretava-as com o sacerdócio organizado, sem sair jamais do círculo de contradições, onde estacionara voluntariamente.

Em verdade, não fora um criminoso, no meu próprio conceito. A filosofia do imediatismo, porém, absorvera-me. A existência terrestre, que a morte transformara, não fora assinalada de lances diferentes da craveira comum.

Filhó de pais talvez excessivamente generosos, conquistara meus títulos universitários sem maior sacrifício, compartilhara os vícios da mocidade do meu tempo, organizara o lar, conseguira filhos, perseguira situações estáveis que garantissem a tranquilidade econômica do meu grupo familiar, mas, examinando atentamente a mim mesmo, algo me fazia experimentar a noção de tempo perdido, com a silenciosa acusação da consciência. Habitara a Terra, gozara-lhe os bens, colhera as bênçãos da vida, mas

não lhe retribuía ceitil do débito enorme. Tivera pais, cuja generosidade e sacrifícios por mim nunca avaliei; esposa e filhos que prendera, ferozmente, nas teias rijas do egoísmo destruidor. Possuía um lar que fechei a todos os que palmilhavam o deserto da angústia. Deliciara-me com os júbilos da família, esquecido de estender essa bênção divina à imensa família humana, surdo a comezinhos deveres de fraternidade.

Enfim, como a flor de estufa, não suportava agora o clima das realidades eternas. Não desenvolvera os germes divinos que o Senhor da Vida colocara em minha alma. Sufocara-os, criminosamente, no desejo incontido de bem-estar. Não adestrara órgãos para a vida nova. Era justo, pois, que aí despertasse à maneira de aleijado que, restituído ao rio infinito da eternidade, não pudesse acompanhar senão compulsoriamente a carreira incessante das águas; ou como mendigo infeliz, que, exausto em pleno deserto, perambula à mercê de impetuosos tufões.

Oh! amigos da Terra! quantos de vós podereis evitar o caminho da amargura com o preparo dos campos interiores do coração? Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não chorardes depois.